

IMAGENS DA COLONIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA: A RELAÇÃO COLONIZADOR/COLONIZADO NA NARRATIVA *OS RIOS PROFUNDOS*, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS

Carlos Borges Junior¹
Ildelane Lima dos Santos²

Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão lá e eu estou só aqui, pode realmente separá-los e distingui-los de mim.
(Todorov)

RESUMO

Este artigo discute imagens da colonização peruana a partir da relação colonizador/colonizado presente na obra *Os rios profundos*, de José Maria Arguedas. O objetivo é apontar construções de sentido que evidenciam/denunciam a imagem do colonizador em seu trabalho histórico opressor em relação aos povos colonizados, bem como imagens do colonizado nesse processo de *colonização*, à margem da história. Mapeia-se no romance de Arguedas, imagens que constroem e constituem as identidades desses sujeitos. O estudo é fundamentado nas discussões teóricas de Todorov (2003) e Bhabha (1998) entre outros autores, que discutem o processo de colonização da América Latina, especialmente, do Peru.

Palavras-chave: imagens, colonização peruana, relação colonizador/colonizado, *Os rios profundos*.

Introdução

Um ponto importante de discussão no contexto da América Latina tem sido as narrativas sobre a colonização e as imagens que essas narrativas constroem. A partir do final da década de 1950 muitos desses escritos têm reconstruído imagens e imaginários

¹ Doutorando em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Catarina; Mestre em Jornalismo pela mesma universidade. E-mail: borges-junior@hotmail.com

² Graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará; Especialização em Educação Especial pela Faculdade Ítalo Brasileiro . E-mail: ildelane.lima@yahoo.com.br

sobre os processos de colonização ocorridos em todo o continente latino-americano. Aos poucos, essas narrativas deixaram de apresentar apenas a palavra do colonizador e sua forma peculiar de conduzir os fatos, para incluir também a concepção e a voz dos colonizados. Claro que esse processo de *inclusão* não foi tão simples assim nem tão inclusivo, tampouco tenha ocorrido sem embates, o fato é que mesmo presente em todos os momentos, restou ao colonizado as margens da história, o lugar de coadjuvante em razão da imagem construída com a tinta que o colonizador sempre usou para representá-lo nos livros, tanto de história quanto da literatura.

No final da década de 1950 e início da década de 1960, o cenário literário da América Latina começava a substituir a voz unívoca do colonizador na condução das narrativas. Abria-se espaço para o controverso a partir do registro da visão do colonizado. Assim, novas imagens foram sendo construídas, afinal, a perspectiva do colonizado muito teria a contribuir com o questionamento acerca dos processos de colonização da região. Um dos expoentes desse questionamento pode ser vislumbrado na voz do narrador-personagem Ernesto, na obra *Os rios profundos*, de José María Arguedas.

Este artigo apresenta imagens da colonização peruana a partir da relação colonizador/colonizado encontradas na obra *Os rios profundos*, de José Maria Arguedas. Objetiva-se discutir construções de sentido que evidenciam/denunciam a imagem do colonizador/dominador em seu trabalho histórico opressor em relação aos povos colonizados/dominados, bem como imagens do colonizado nesse processo de colonização, sempre colocado à margem da história. Para cumprir com esta tarefa, optou-se metodologicamente por 1) discorrer brevemente sobre o contexto discursivo acerca da obra *Os rios profundos*, de José Maria Arguedas, construindo algumas relações teóricas, 2) apresentar um breve enredo do romance; 3) discutir imagens da colonização a partir da relação colonizador/colonizado que podem ser encontradas no romance supracitado.

Alguns contextos

Os rios profundos foi publicado nos idos de 1958 e trouxe marcas emergentes de heterogeneidade e hibridismo cultural para o contexto literário latino americano. A obra surge na literatura peruana apresentando a cultura andina permeada pelos elementos do

passado cultural dos quéchuas. Também registra a influência do colonizador espanhol, sempre num movimento que não fixa imagens de um dos lados da cultura, mas os apresenta em espaços de convivências entre os extremos colonizador/colonizado e suas tensas relações de forças e poder.

Ángel Rama destaca que “Arguedas conseguiu produzir uma obra e uma linguagem literária que não é apenas produto de uma ou de outra [...] é um resgate do passado que se projeta como proposta para um futuro” (2001, p. 23), pois para Rama, o autor de *Os rios profundos* transpõe o conceito de transculturação, ao vislumbrar a região peruana habitada por índios que convivem com a tradição Inca e a modernidade espanhola. O colonizador e o colonizado no convívio com a tradição e a modernidade cultural.

As narrativas transculturadoras tratam das relações de colonização e seus ditames sociais, “a transculturação é o processo de desarraigamento das culturas tradicionais” (RAMA, 2001, p. 23). A linguagem utilizada nas obras seria aquela que promovesse um discurso com a modernidade já que a comunidade local foi invadida pela expansão do capitalismo e dos modos de vida europeus. No contexto literário do final da década de 1960, não dava mais para elaborar uma literatura carregada de expressões rurais ou usar uma língua *pura* como tentaram inicialmente alguns escritores latino-americanos.

No mesmo instante que se renuncia aos vocabulários e glossários que habitualmente acompanhavam o romance regionalista, em que se restringe ao uso do léxico local, também se acentua a atenção pelas formas sintáticas peculiares e inclusive pelas modulações supra-segmentais, que antes eram exclusividade das falas dos personagens narrativos e se opunha dentro do próprio texto, à língua do escritor [...] o discurso afirma-se como uma unidade lingüística na qual é possível que, ao contrário do que ocorria antes, os diálogos dos personagens venham a ser para nós estruturas intelectualizadas (RAMA, 2001, p. 220).

O romance de Arguedas apresenta em toda sua construção aquele “trabalho fronteiroço da cultura” entre o personagem colonizador e o colonizado (BHABHA, 1998, p. 27). Na narrativa, a imagem do colonizador contrasta com a visão do colonizado, proporcionando um espaço de convivência cultural que denuncia as relações de dominação do colonizador ante o colonizado. Os acontecimentos registrados

na narrativa são marcados por processos que refletem o *contínuum* em que se dialoga passado e presente:

O trabalho fronteiriço cria uma idéia de novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e irrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade e não da nostalgia de viver (BHABHA, 1998, p.27)

A narrativa de Arguedas prima pela discussão das diferenças e do hibridismo cultural, pois não é possível fazer uma literatura purista, justificada pela própria história de colonização da América Latina. Durante o processo em que os escritores procuravam resgatar a marca da cultura local em meio à modernidade que opunha e intensificava a relação campo/cidade, os escritores respondem em suas narrativas às especificidades que foram impostas em sua cultura e também aos conflitos gerados por essa imposição e pela relação conflitante entre colonizador/colonizado, buscando expressar a identidade do continente latino-americano, marcada por esses contatos culturais e pelas crises decorrentes delas. Desta feita, o princípio da transculturação, portanto, “está na base da história cultural do continente [...] é a marca que distingue os povos das Américas de todos os outros povos do planeta” (REIS, 2005, p. 487)

Arguedas, que nasceu em 1911 numa vila chamada Andahuaylas, nos Andes peruanos, era filho de um juiz que fazia itinerários de cidade em cidade; órfão de mãe foi deixado pelo pai aos cuidados de empregados quéchuas. “Quéchua foi, portanto, sua primeira língua, mas com ela aprendeu também sua diferença social, uma divisão dolorosa que iria assombrá-lo através de sua vida até sua profissionalização” (MOREIRAS, 2001, p.238). Arguedas teve um posicionamento *radical* sobre a transculturação, pois para ele esta estava sempre relacionada a um forte domínio do colonizador.

A transculturação é uma máquina de guerra que se alimenta sempre da diferença cultural, cuja função principal é a redução da possibilidade de heterogeneidade cultural radical. A transculturação é uma parte da ideologia do producionismo cultural, na verdade uma parte sistêmica de uma metafísica ocidental da produção, que ainda mantém um forte domínio do colonizador no campo cultural (MOREIRAS, 2001, p. 234).

Mas é no período do *boom da literatura latino-americana* que a chamada transculturação narrativa traz consigo o fim do realismo mágico, uma escrita que trata da realidade latino-americana ressignificada no âmbito da modernidade que usa a palavra como corpus do significante, isto é, uma tentativa de representação ou conciliação do universo transcultural da América Latina, usando a palavra por meio da atividade literária.

Breve contexto sobre a obra

Os rios profundos está inserido no contexto da transculturação. A obra apresenta o colonizador e o ambiente de dominação construído em relação ao colonizado. Ilustra os discursos e o poder do invasor europeu que sai a ‘desbravar/conquistar’ terras e impor suas culturas, modos de vida e relações econômicas sem considerar as implicações negativas que essas ‘soluções’ causam no ambiente e na vida do colonizado. Estes embates são relevantes e apresentam a face do colonizador e a imagem do colonizado. Também ilustra outros espaços sociais, em especial o ambiente cultural e identitário dos países que compõem essa região, particularmente o Peru, além, é claro, de construir a identidade e o papel tanto do colonizador quanto do colonizado no processo de colonização.

Vemos nesta obra se realizar o caráter diverso da América-Latina com seus povos e culturas diferentes; a mescla do espanhol e do nativo, as relações de dominação/subordinação daí decorrentes e o espaço ambivalente entre colonizador e colonizado. Arguedas mostra a riqueza cultural por intermédio da oralidade indígena dos Andes e ainda o fenômeno da modernidade europeia na construção das praças e da imposição religiosa. A obra expressa, dessa forma, o conflito que dá origem à América-Latina pelo viés da colonização, mas recontado e reescrito sob o olhar que mescla e registra impressões do colonizado. Realiza um trabalho poético a partir do próprio espaço natural percorrido por Ernesto, construído a partir do encontro da cultura dos dois mundos: colonizador e colonizado.

Imagens da colonização: a relação colonizador/colonizado presente na obra *Os rios profundos*, de José Maria Arguedas

Em síntese, a obra *Os Rios Profundos* é ambientada no contexto histórico e cultural da América Latina. O narrador-protagonista Ernesto usa de sua perspicácia para proporcionar ao leitor conhecer os ambientes heterogêneos dos Andes peruano, resultantes dos processos de colonização. Ernesto narra sua chegada e permanência em Cusco, percorrendo os espaços da cidade (praças e casas), construídas com arquitetura espanhola e jardins modernos. Impulsiona-nos a conhecer o *muro inca*, construção que lhe desperta muita admiração; mostra-nos o grande *sino* – a María Angola, construído pelos espanhóis com saque das riquezas incas; narra-nos *sua passagem por alguns povoados* peruanos habitados por populações indígenas até o momento em que é deixado pelo pai na cidade de Abancay para estudar em um internato católico, convivendo com jovens mestiços, índios, espanhóis, filhos de fazendeiros e também de gente simples. Neste espaço contextual, ainda apresenta a luta e reivindicação pela partilha do sal entre os colonos e índios, que foi liderada pelas chícheras.

É claro que o migrante adolescente que opera como narrador-personagem do romance concentra, mas não sintetiza em seu discurso duas experiências, uma passada e outra presente. De fato, atualiza dois idiomas, quíchua e espanhol; duas tecnologias comunicativas, a oral e a escrita; dois gêneros artísticos, a canção e o romance; de algum modo, mas a relação poderia continuar, exercita dois sistemas culturais diversos (POLAR, 2000, p. 306).

Conhecendo esse ambiente, podemos compreender os conflitos daí resultantes e discutir a América Latina como uma região heterogênea e diversa e, por isso, complexa, composta por seus sujeitos também heterogêneos e ambivalentes, isto é, povos que constituem essa sociedade, convivendo entre duas culturas e duas línguas, o quíchua, do povo nativo e o espanhol, do colonizador. Também as imagens do colonizador e do colonizado são conflituosas em seu processo de construção identitária.

Essas relações e tensões sociais constroem espaços ambivalentes de uso da linguagem que identificam tanto a imagem do colonizador como do colonizado. De um lado estão as relações de dominação e poder e do outro as marcas de assujeitamento, exploração, luta e resistência. Em *Os rios profundos*, colonizador e colonizado têm suas identidades construídas entre dois universos culturais em tensão. Ambos resistem para manterem vivos seus costumes e seus valores na construção de suas identidades. Mas é na personagem Ernesto que essa relação tensa se torna mais complexa ao tentar

construir um espaço de negociação cultural para esses dois pólos discursivos. A literatura possibilita esse encontro. É um meio pelo qual se consegue isso.

Estudiosos da América-latina, contrariando as noções de homogeneidade cultural e lingüística, desconstruíram a idéia de unidade e pureza que essas discussões traziam à baila. Foi-se constituindo ao longo dos anos a imagem de um continente diverso e heterogêneo, apesar das tentativas obsessivas no início do século XX da formação de uma *integração* na região a partir de políticas de homogeneização.

A obra de Arguedas apresenta o mundo dialético do colonizador e do colonizado provocando reflexão sobre os modos de vida política e cultural na região. A abordagem possibilita a discussão entre o novo e o antigo, a tradição e a modernidade, a escrita do colonizador e a oralidade do colonizado, discursos que na América Latina tem sido prioridade e provocado tensões, inclusive nos escritos literários, como ressalta Polar:

Essa é a razão pela qual concentram a memória histórico-simbólica das duas partes do conflito e reaparecem reproduzidas com grande freqüência na literatura. Ao mesmo tempo, constituem algo como o emblema de uma pertinaz preocupação latino-americana: a da pertinência (ou não) da linguagem que se diz de si mesma, que bem pode entender como uma variante da obsessão primária, relativa ao reconhecimento de uma identidade de fibras mais íntimas sempre aparece, como força desestabilizante, mas não necessariamente negativa, a figura do outro (2000, p. 222)

Isto significa dizer, que tanto colonizador quanto colonizado vivem numa rede de conflitos não só políticos, econômicos e culturais, mas também lingüísticos, em que a comunicação ou a ausência dela, é evidência dos enfrentamentos de dois povos diferentes. Uma força que desestabiliza costumes antes entendidos como *intocáveis*.

Já sabemos que a convivência de diferentes povos na mesma região desencadeia embates entre culturas, povos e línguas. Na época da colonização, a escrita do colonizador europeu revelou-se atrelada ao poder e à autoridade, e a incomunicação, além de gerar conflitos, mais tarde, cederia lugar a um terceiro espaço onde esses povos pudessem conviver, pois a comunicação precisava ser efetivada. Com essa configuração da região latina em geral e dos Andes peruano em particular, as duas línguas passam a conviver e cada povo acabava assimilando elementos da língua do outro. Contudo, vale ressaltar, que nesse processo de assimilação é sempre o Eu (o colonizador) que toma uma posição de supremacia.

Dentro do mundo colonizado, a intervenção é o modo que o colonizado encontra diante do colonizador para reivindicar seu espaço e marcar sua identidade discursiva. Embora essa reivindicação não seja *a priori* respeitada, o colonizado vai subvertendo as relações e práticas sociais e delimitando espaços, ora reescrevendo-os ultrapassando fronteiras como processos de constituição de identidades culturais, linguísticas etc. Apesar de praticarem os costumes e falarem a língua do colonizador, não abandonam totalmente a sua língua, pois se reinscrevem nas diversas instâncias sociais e culturais. Com isso, criam um espaço conflituoso dentro das relações coloniais, deixando a marca da sua presença, já que “os discursos e os sistemas de representação, constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2000, p. 17).

Em *Os Rios Profundos*, por exemplo, o lugar discursivo de Ernesto como narrador-protagonista revela os dois universos culturais, filho de espanhol, letrado, todavia o tempo que passou aos cuidados dos índios proporcionou-lhe o conhecimento do mundo indígena, do universo do povo dominado, por isso ele transita entre o quéchua e o espanhol, conhecendo e compreendendo esses dois mundos tão distintos da linguagem, vive a mescla entre eles.

A dominação espanhola acentua as diferenças nas cidades latino-americanas, tendo em vista que a modernidade ocidental se instalou nos Andes peruanos e ficou ainda mais evidente por meio da construção de praças, bibliotecas e do comércio – um mundo letrado com particularidades próprias da Europa invadiu e modificou a realidade do povo andino, como pode ser observado no trecho da obra de Arguedas:

Era noite quando entramos em Cusco. Fiquei surpreso com a estação de trem e a avenida larga pela qual, lentamente, avançávamos. A luz elétrica era mais fraca que a de alguns lugarejos que eu conhecia. Grades de madeira ou de aço defendiam jardins e casas modernas. A Cusco de meu pai, aquela que ele me descrevera umas mil vezes, não podia ser essa (ARGUEDAS, 2005, p. 8)

Vemos na atitude de Ernesto a surpresa ao constatar a diferença entre a imagem que tinha da cidade onde seu pai vivera, para a que tem diante dos olhos. Certamente Ernesto conhecia a história cultural do povo inca que habitou Cusco antes da chegada dos espanhóis. A Cusco que presenciava era agora modificada, modernizada em relação aos povoados que conhecia. O menino se sentia estranho naquele lugar onde, talvez,

esperasse ser um lugar simples e sem grandes interferências estrangeiras. A cidade natal de seu pai parecia pertencer a outro povo, não ao seu. Por isso, diferentemente, de um povo que sai da sua terra e se torna estranho em terra alheia, os colonizadores sentem-se donos das terras em que chegam, as violam e fazem com que os colonizados se sintam estranhos ou estrangeiros em seu próprio lar. “Muitos sentem que a ‘terra’ tornou-se irreconhecível. Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas” (HALL, 2003, p. 27), neste caso, experiências de um estranhamento que separa o colonizado de sua própria casa.

Passamos a rua; cruzamos outra, muito larga, percorremos uma rua estreita. E vimos as cúpulas da catedral. Desembocamos na praça de Armas. Meu pai me levava pelo braço. Surgiram os portais de arcos brancos. Estávamos à sombra do templo. Entramos na praça. As pequenas árvores plantadas no parque, e os arcos, pareciam apequenados, diante da catedral e das torres da igreja da Companhia. – Não conseguiram crescer, as árvores – disse eu. – Diante da catedral, não conseguiram. (ARGUEDAS, 20005, p. 14-15).

Essa pequenez das árvores diante da catedral, observada por Ernesto, reveste-se de uma simbologia entre o colonizado e o colonizador, ou mesmo entre as personagens *pongo* e o *Velho* que será explicitado a seguir. Este aspecto está muito além das distâncias espaciais, mas se configuram pelas distâncias culturais em que a grandiosidade da catedral espanhola, certamente luxuosa, diminui e suplanta a natureza das terras colonizadas ao seu redor. Emerge nessa instância um espaço que nada mais é, que o desejo em assumir o lugar do outro, dominá-lo, ou seja, no mundo colonial os processos de formação de identidade oscilam entre a identidade tanto do colonizador quanto do colonizado e as representações de identidade do outro, sobretudo quando essas identidades se tornam dominantes. Daí o desejo é de assumir o lugar do dominador.

O colonizado deseja ocupar o lugar do colonizador e vice-versa: “a fantasia do nativo é precisamente ocupar o lugar do seu senhor enquanto mantém seu lugar no rancor vingativo do escravo. Não é o Eu colonialista nem o Outro colonizado, mas a perturbadora distância entre os dois que constitui a figura da alteridade colonial” (BHABHA, 1998, p. 76).

O *pongo* esperava na porta. Tirou a *montera* e, assim descoberto, seguiu-nos até o terceiro pátio. Vinha sem fazer barulho, com os cabelos revoltos, arrepiados. Falei com ele em quéchua. Olhou-me com estranheza.

– Ele não sabe falar? – perguntei a meu pai.

– Não se atreve – disse-me. – embora nos acompanhe até a cozinha.

(...) A porta da sala tinha ficado aberta, e pude ver o *pongo*, vestido de farrapos, de costas para as grades do corredor. À distância era possível perceber seu esforço para mal parecer vivo, o invisível peso que prendia sua respiração. (...) O *pongo* fez menção de se aproximar de nós; o Velho afungentou-o com a bengala (ARGUEDAS, 2005, p. 20 e 26).

O momento descrito na citação revela, claramente, a posição do colonizado sempre desconfiado e mal vestido, mantendo sempre distância dos seus senhores, tratado com desprezo e numa posição inferior até mesmo à de um animal. O velho, enquanto beneficiado da *herança eurocêntrica*, reveste-se do discurso do colonizador, com ações que exprimem superioridade e exploração do outro, tratado sempre com distinção pelo colonizado.

Nas relações sociais cujo foco seja a distinção de papéis no processo de colonização, o colonizador não se valeria do colonizado para nada além da necessidade de usar a mão de obra deste para exploração e trabalho pesado. Mas no processo de constituição identitária, um só pode se ver a partir do outro, e o outro é sempre diferente de mim. Neste sentido, a relação colonizador/colonizado é intrínseca na medida em que um se diferencia baseado na identidade do outro, conseqüentemente, “a Europa, no mesmo ato com que “inventa” a América, está “inventando-se” também – e até com maior eficiência – a si própria” (POLAR, 2000, p. 57). Emerge na obra *Os Rios Profundos* os discursos tanto do dominante quanto do dominado. A partir da voz de Ernesto, vemos o mundo nativo contrastando com a cultura colonizadora:

Um morro alto e pontiagudo era o mirante do povoado. No topo estava cravada uma cruz; a maior e mais poderosa que eu já vira. Em maio desceram-na ao povoado para que fosse benzida. Das comunidades do vale veio uma multidão de índios; reuniram-se com os poucos comuneros do local, no sopé do morro. Já estavam bêbados, e carregavam odres cheios de aguardente. Depois escalaram o morro, aos gritos, chorando. Descravaram a cruz e a abaixaram nos próprios ombros. Vieram pelas faldas eriçadas e nuas da montanha e chegaram de noite.

Eu abandonei esse povoado quando os índios velavam sua cruz no meio da praça. Tinham se reunido com suas mulheres, iluminando-se com lampiões e pequenas fogueiras (ARGUEDAS, 2005, p. 36-37).

No trecho citado, pode ser observada nas práticas religiosas indígenas, a presença da religiosidade ocidental. Esse povoado, apesar de grande tem poucos índios, e por isso mesmo são marcantes os costumes europeus. A cruz era posta num lugar onde pudesse ser vista de longe e por todos, revelando aí o poder espanhol, inclusive da religião a ser seguida. Ao longo dos Andes todos os povoados por onde Ernesto passava havia índios velando Cruz e fazendo orações, alguns deles, porém, sem muito entusiasmo. Na cultura peruana, no mês de maio, faze-se procissão e celebração à Virgem de Chapi e em Junho sobe-se às encostas para agradecer ao Cristo Crucificado os benefícios alcançados. Nesta ocasião também fazem oferenda à água, à terra e às pedras. Vemos, portanto, ainda viva a tradição dos indígenas, embora em segundo plano.

No âmbito da realidade latino-americana, os conflitos deflagrados entre colonizador e colonizado sempre foram constantes. Entretanto, esse contexto conflitante desencadeou processos de transculturação e hibridismo, que sempre existiram. Ou seja, sempre estiveram presentes no modo como as nações latino-americanas cresceram e se desenvolveram com grande influência estrangeira, caracterizando e modificando a realidade dos povos nativos. Essa modificação no espaço da colonização influencia nas ações dos colonizados, fazendo-os *vestir a roupa* do colonizador e usá-las com todas as suas simbologias:

Entre as colunas e os arcos, cercados pelo brilho do ouro, senti que as abóbadas altíssimas me rendiam. Ouvi um coro de homens, lá no alto, rezar com voz de moscardos. Havia pouca gente no templo. Índias com mantas coloridas sobre a cabeça, choravam. (...)

Eu sabia que quando o trono desse Crucificado surgia na porta da catedral todos os índios de Cusco lançavam um alarido que fazia a cidade estremecer, depois, o ardor do Senhor e as ruas, e os caminhos, de flores de *ñujchu*, vermelha e frágil. (ARGUEDAS, 2005, p. 28).

A arquitetura da catedral com seu esplendor cativou Ernesto profundamente, a ponto de ele se deixar levar pela imagem do templo, mas ao mesmo tempo em que estava envolvido nesse encanto, percebia o tom do canto dos que estavam na igreja sem grande fruição. Essa ausência de expressão na voz, que é comparada à de insetos, justifica-se pelo fato de que o coro cantado na voz desses homens repete a ideologia do colonizador e, como num sincretismo, vemos as duas vozes, a quéchua e a espanhola, as

duas religiões: a cristã como suprema e a outra, a pagã, presentes no mesmo espaço. O alarido diante do trono do Crucificado evoca um sentimento ao reverso, não aparenta alegria, mas terror e confusão de um povo que parece não ter consciência crítica acerca da religiosidade que pratica por imposição colonial.

Esses espaços culturais proporcionados por mesclagens e hibridismos “podem ser entendido como a condição contínua de todas as culturas humanas, que não contêm nenhuma zona de pureza porque sofreu processos contínuos de transculturação” (FOREWORD apud MOREIRAS, 2001, p. 226), mas o ideal da colonização é que se institua apenas um lado do discurso, o superior: a linguagem cultural do colonizador, embora as marcas do colonizado estejam presentes e sejam identificáveis, pois assim como a convivência entre os dois passa a ser uma realidade, as mesclas lingüísticas também ocorrem.

E é neste universo heterogêneo que é ambientada a obra *Os Rios Profundos*, apresentando o personagem Ernesto, um mestiço, vivendo nesse espaço ambivalente, percorrendo lingüisticamente tanto a posição do povo quéchua, que vive uma condição subalterna em relação aos europeus, quanto o espaço dos espanhóis colonizadores, tratados com distinção valorativa. O internato em que Ernesto estudava, representa bem o espaço diverso da região andina e a supremacia espanhola com a imposição religiosa aos alunos do internato, bem como a todo o povoado:

Os sermões patrióticos do padre diretor se realizavam na prática; divididos em bandos de alunos “peruanos” e “chilenos”, nós lutávamos ali; com estigues de borracha, atirávamos os frutos da figueirilha uns nos outros e depois nos lançávamos ao assalto, lutando aos socos e pontapés. Os “peruanos” deviam ganhar sempre. Nesse bando se alistavam os preferidos dos campeões do Colégio, porque obedecíamos às ordens que eles davam e tínhamos de aceitar a classificação que faziam (ARGUEDAS, 2005, p. 66).

Além da imposição cultural, havia a dicotomia entre a religião do nativo e a do colonizador. As representações do colonizado eram sempre postas de lado, mas é possível perceber como os processos simbólicos funcionam a partir do momento que o sagrado é posto em oposição ao profano, excluindo-se, a cultura do outro (colonizado), que não desaparece definitivamente:

Durante as festas religiosas não se ouve *opinkuyllu* nem o *wak'rapuku*. Teriam os missionários proibido os índios de tocar nos

templos, nos átrios ou junto aos troncos das procissões católicas esses instrumentos de som tão grave e estranho? Tocam o pinkuyllu e o wak'rapuku no ato de renovação das autoridades da comunidade; nas ferozes lutas dos jovens, durante os dias de carnaval; quando se faz a marcação do gado; nas corridas de touros selvagens, cantando e praguejando; abrem caminhos extensos ou túneis nas rochas; dançam sem descanso, sem perceber a mudança da luz nem do tempo. O pinkuyllu e o wak'rapuku marcam o ritmo; comove-os e os alimenta; nenhuma sonda, nenhuma música, nenhum elemento vai mais fundo no coração humano (ARGUEDAS, 2005, p. 91).

Negando, sobrepondo-se e interferindo nos costumes locais, o colonizador modifica a cultura do outro, mas ainda assim vemos encenadas as duas instâncias culturais, compartilhando um mesmo espaço cultural e linguístico, contudo, apenas um é autorizado como pertencente ao ritual. Por essa razão, a noção de identidade do povo colonizado é complexa, porque está fundamentada em ideias de preconceito e supremacia branca desde a colonização, tendo sua “identidade negada” construída “dentro de uma estrutura de poder” (MOREIRAS, 2001, p. 317), pois a diferença cultural binária acaba colocando em pólos opostos dois povos e um deles perde a perspectiva de um valor cultural sob a ótica do colonizador, pois é ele quem institui as regras da política, da religião e dos costumes de prestígio. O poder etnocêntrico do colonizador ora diminui, ora tenta esconder a *presença* do latino enquanto ser humano que tem uma identidade cultural histórica e digna de respeito.

Devido à colonização, a identidade do colonizador passou a ser construída por meio de uma relação de valorização do poder hegemônico e o resultado dessa relação é a negação da alteridade latino-americana, como é evidente no trecho a seguir:

Os fazendeiros dos pequenos povoados contribuem com grandes vasilhas de chincha e caldeirões de picantes para os trabalhos comunitários. Nas festas, vão para as ruas e praças, cantar *huyanos* em coro e dançar. Caminham diariamente, com polainas velhas, roupas de bombazina ou cassineta, e um cachecol de vincunha ou de alpaca no pescoço. Vêm em cavalos de paso, usam esporas de bronze e, sempre, sobre a sela, um pelego de couro de ovelha. Vigiam os índios face a face e, quando estes querem mais do que comumente se pensa que é justo, eles mesmos partem-lhes a cara ou os levam aos pontapés até a prisão. A casa dos fazendeiros é bem conhecida pelos índios. Dormem em camas de bronze, antigas, com dossel de varetas douradas. A casa tem um pátio e um curral, grandes; um corredor, uma despensa, um celeiro, uma sala mobiliada com bancos e antigas poltronas de madeira; e a cozinha, que está sempre longe, do outro lado do pátio, porque é onde os peões comem. O fazendeiro também assume o *alferado* ou a *mordomiadas* festas. Não pode dar ao povoado menos

que um índio, a não ser que tenha perdido sua honra de terratenente (ARGUEDAS, p. 54-55).

As relações construídas na citação, são além de tudo mais que conflitantes, são revestidas de crueldades e desumanidades, o colonizador está sempre no centro, enquanto o colonizado, trabalhador escravo, nem sequer o direito de expressar sua vontade possui. São vigiados com se fossem bandidos ou animais que precisassem de vigilância, são açoitados como bichos e lançados na prisão quando o seu senhor acha conveniente. São tratados como objetos e dados como presentes aos líderes da igreja durante as festas religiosas.

Por isso, a construção da identidade do nativo é sempre produzida em relação ao outro, o outro superior e humano, em detrimento do inferior, considerado animal. Pensar a imagem da identidade do homem latino-americano é vê-la sob o prisma da “negação de qualquer idéia de originalidade e plenitude” (BHABHA, 1998, p. 85). Sob a perspectiva do colonizador, o latino é sempre cópia do europeu, sua imagem é desprovida da concepção do homem ocidental educado e civilizado. Mas,

cada vez que o encontro com a identidade ocorre no ponto em que algo extrapola o enquadramento da imagem, ele escapa à vista, esvazia o eu como lugar da identidade e da autonomia – e o que é mais importante – deixa um rastro resistente, uma mancha do sujeito, um signo de resistência (BHABHA, 1998, p. 85),

como fica explicitado no fragmento a seguir:

A multidão se deteve, como se fosse preciso guardar um instante de silêncio para que as palavras da chichera chegassem a seu destino. A voz da mulher voltou a chamar:

– Padrecito Linares...!

Depois desceu do apoio por um instante; fez com que esvaziassem a porta do armazém; deu várias ordens, e as mulheres se aglomeraram e formaram uma rua.

E começou a partilha. (...)

Mas lá estava ela, a líder, controlando do alto do apoio até as batidas do coração de cada uma das enfurecidas e vitoriosas cholas. (ARGUEDAS, 2005, p. 128-129).

Na visão dominante, o rastro de resistência é exercitado nas atitudes daqueles que não são considerados civilizados. Assim, são os bárbaros que precisam ser convertidos e integrados na esfera da cultura ocidental, sendo reprimidos e violentados

em sua religiosidade e identidade. Na reunião da chicheras na praça de Abancay, no silêncio das mulheres para ouvir o discurso da líder das cholas, emerge o instante em que o signo fende as barreiras *civilizatórias* e institucionalizadas para despontar as vozes que sempre são silenciadas, um silenciamento inquietante.

No romance, percebe-se na luta das mulheres para fazer justiça às índias, a expressão da resistência como um traço da força daquelas que eram demonizadas aos olhos da sociedade colonizada. Nota-se ainda fortemente marcada, a presença européia nas práticas dos padres no internato, que usam a violência como um modo de remissão dos pecados (ato mascarado). O padre se coloca no lugar de Deus, toma posse do discurso *sagrado* a fim de cumprir seus objetivos que era descobrir o que as chicheras estavam tramando (confissão). O padre era aliado dos militares que perseguiram as prostitutas por conta do roubo do sal. Embora sem êxito na caça às cholas, especialmente à Felipa, dona da chichería, o regimento militar organiza um desfile na praça da cidade, para exibir, com orgulho sua posição *superior*:

Os uniformes davam aos oficiais um aspecto irreal. Nunca vira tantos, juntos, dominando uma cidade, assentado-se nela como um bando de aves ornamentadas que caminhassem donas da terra e do ar. Do coronel, disseram-me que foi apenas uma vez a Huanuapata. Era de Trujillo, tinha um sobrenome histórico, e sua solenidade, sua austeridade, bem como seus gestos, pareciam fingidos. O contemplamos como se contempla algo mais que um grande fazendeiro. Terminou a visita lamentando a repugnância que lhe causou o cheiro que emanava das chicherías e das choupanas. (ARGUEDAS, 2005, p. 260-261)

Na atitude dos oficiais, vemos assinalada a vitória do colonizador frente à resistência do colonizado, sua postura de galhardia e poder como se fossem “donos de tudo”, dominando cada espaço que, pela força, tomaram posse acima de qualquer lei. Eles representam a própria lei e o poder, sentem-se deuses e por isso merecem a reverência e a adoração da população.

Ernesto, sujeito ambivalente por sua história de vida, tem sangue europeu e convivência indígena. Ele conhece e permeia as duas realidades: a do colonizador e do colonizado. Tem claramente definidas as leituras da colonização. Como é evidente em toda a narrativa, ele não tem a mesma inocência dos outros jovens de sua idade. No trecho a seguir pode-se constatar a identidade cambiante do narrador:

Encontrei a banda militar marchando para a praça, seguida por uma ninhada de meninos, “filhinhos de papai” e mestiços. Alguns pequenos corriam, saltitando, sacudindo seus farrapos; tropeçavam nas pedras e logo se levantavam sem queixa. (...) eu não conseguia, não consegui contagiar-me com essa felicidade pura dos inocentes. (ARGUEDAS, p. 247-248).

Ernesto tem noção da falsa convivência entre os dois povos e as duas línguas e da relação entre colonizador/colonizado, pois o que presencia é uma atitude de desvalorização do povo indígena, de estabelecimento do poder hegemônico espanhol. Ele não se deixar contagiar pela farsa da alegria: abre seu olhar e tem consciência do seu processo de desalienação. Deste modo, a identidade do colonizado e também do colonizador, são sempre questionadas, pois, “para a identificação, a identidade nunca é, a priori, um produto acabado; ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem de totalidade” (BHABHA, 1998, p. 85). São imagens narrativas que possibilitam a construção da identidade do colonizador e do colonizado na história de colonização da América Latina, sobretudo no Peru, a partir da obra *Os rios profundos*, de José Maria Arguedas.

Considerações finais

O ambiente andino por onde Ernesto transita reveste-se de infinitos significados. Este espaço apresenta tanto a presença do europeu quanto do latino americano. Neste artigo, optou-se por percorrê-los a partir das imagens do colonizador e do colonizado. Elas auxiliam a percepção das relações históricas entre esses povos, marcadas pela invasão, lutas, domínio, colonização, exploração e resistências, traços de um mundo mestiço e múltiplo em processo de construção. Arguedas constrói e aprofunda imagens da colonização latino-americana a partir do intercâmbio entre dois universos culturais antagônicos e confluentes na busca de diálogos culturais, revelando outros contextos da colonização na imagem do colonizador e do colonizado. A narrativa ilustra outras concepções e leituras para o cenário da colonização. Não são as únicas possíveis, mas cumprem o papel de inscrever novas formas de ver os acontecimentos que escapam à perspectiva do colonizador. Nesse sentido, “a imagem é apenas e sempre um acessório da autoridade; ela não deve ser lida mimeticamente como a aparência de uma realidade”

(BHABHA, 1998, p. 85). É no campo da linguagem simbólica, aparente, real e imaginária que se buscou apresentar as relações imagéticas entre colonizador e colonizado a partir do romance *Os Rios Profundos*, de José Maria Arguedas.

Referências

ARGUEDAS, José Maria. *Os rios profundos*. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BHABHA, Homi K. *O Local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Reis, Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Tradução Adelaine La Guardia Resende [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos*. Tradução Eliana L. de Lima Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

POLAR, Antonio Cornejo. *O Condor Voa: literatura e cultura latino-americanas*. Tradução Ilka Valle de Carvalho. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

RAMA, Ángel. Os processos de transculturação na narrativa latino-americana. In: RAMA, Ángel. *Ensaio latino-americanos*. AGUIAR, Flávio & VASCONCELOS, Sandra Gardini T. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2001.

REIS, Livia de Freitas. Transculturação e Transculturação narrativa. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF/EdUFF, 2005.

TODOROV, Tzevtan. *A Conquista da América: a questão do outro*. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma perspectiva teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

IMAGES OF SETTLEMENT IN LATIN AMERICA: THE RELATIONSHIP COLONIZER/ COLONIZED IN THE NARRATIVE *OS RIOS PROFUNDOS*, BY JOSÉ MARIA ARGUEDAS

ABSTRACT

This article discusses the images of the Peruvian colonization from the relationship colonizer / colonized in the book *Os rios profundos*, by Jose Maria Arguedas. The goal is point out constructions of meaning that show / expose the image of the colonizer in his oppressor historical work in relation to colonized peoples as well as the images of the colonized in this *colonization* process, always placed in the margins of history. The study is based on theoretical discussions of Todorov (2003) and Bhabha (1998) and other authors who discuss the process of colonization in Latin America, especially in Peru.

Keywords: images, peruvian colonization, colonizer /colonized relationship, *Os rios profundos*.

Recebido em 06/01/2016.

Aprovado em 15/05/2016.